

# Acervos de Bibliotecas Escolares e Formação de Pequenos Leitores

*Hércules Corrêa<sup>1</sup>*

*Berta Lúcia Tagliari Feba<sup>2</sup>*

*Renata Junqueira*

## **Resumo**

Apresentar e analisar informações referentes ao acervo das bibliotecas escolares de 68 escolas de educação infantil do Oeste Paulista é o objetivo deste artigo, que parte de dados quantitativos e qualitativos obtidos com a realização da pesquisa “Literatura e primeira infância: dois municípios em cena e o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) na formação de crianças leitoras”. A investigação revela que as atividades para formar os leitores são esparsas, e que não favorecem o manuseio do livro como objeto cultural. Ademais, os responsáveis pelas bibliotecas não conhecem os acervos recebidos, não se veem como mediadores de leitura e não consideram a biblioteca um espaço para aproximar livros e crianças.

**Palavras-chave:** biblioteca escolar; PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola); educação infantil.

---

1 Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP.

2 Doutora em Letras. Professora da Faculdade de Presidente Prudente.

## Collections from School Libraries and Formation of Small Readers

### Abstract

Present and analyze information relating to the collection of school libraries of 68 preschools West Paulista is the purpose of this article, with quantitative and qualitative data obtained from the research 'Literature and early childhood: two cities on the scene and PNBE (National Program of School Library) in the formation of readers.' Research shows that activities to form readers are sparse and do not concept the book as a cultural object. Moreover, teacher's librarians do not know the collections received by the school; they do not see themselves as mediators of readers and do not consider the library a space to bring books and children.

**Keywords:** school library; PNBE (National Program of School Library); early childhood education.

### 1 Livros infantis nas creches: a situação atual

Este trabalho tem como objetivo apresentar parte dos resultados obtidos com a realização da pesquisa intitulada "Literatura e primeira infância: dois municípios em cena e o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) na formação de crianças leitoras", financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) – processo número 2011/50926-1 – com vigência de 01/07/2012 até 30/06/2014, realizada por dois grupos de pesquisa: o CELLIJ (Centro de Estudos em Leitura, Literatura Infantil e Juvenil), da UNESP de Presidente Prudente, e o CEPLE (Centro de Estudos e Pesquisas em Leitura e Escrita), da UNESP de Marília.

Tais grupos tiveram como objetivos, nessa pesquisa: a) compreender como as crianças da primeira infância (0 a 3 anos) têm acesso aos livros de literatura infantil nas instituições escolares, considerando as especificidades dessa fase; b) entender como se dão as práticas de leitura literária nessas instituições educativas parceiras da pesquisa; e c) depreender como seus professores realizam ações de mediação de leitura. Ademais, os grupos de pesquisa pretenderam: d) analisar o acervo do PNBE recebido pelas políticas públicas de leitura do governo federal, mediante a singularidade dessa etapa do desenvolvimento infantil; e) investigar como elaborar uma proposta de atividades leitoras com tal acervo que tornasse harmônico um trabalho educativo intencional e dirigido à ampla formação da inteligência e da personalidade infantil, levando em consideração as atividades de leitura literária que fazem uso da literatura infantil, como condição necessária para enriquecimento da capacidade imaginativa,

compreensiva e criativa na infância. Todos os propósitos, enfim, contribuem para a formação e a constituição do ser humano, do desenvolvimento do psiquismo infantil, dos processos de aquisição e de desenvolvimento da linguagem e dos preceitos dos letramentos.

Para se alcançar os objetivos propostos, a pesquisa verificou a existência de livros de literatura infantil nas creches (0 a 3 anos) de Presidente Prudente e de Marília, sobretudo os do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), como estão organizados, como circulam e como são usados nas relações entre os agentes escolares. A equipe preparou instrumentos para a geração de dados, partindo da aplicação e da análise de questionários e de visitas às escolas, a fim de averiguar o acesso e a circulação dos livros. Além disso, cerca de 30 universitários/monitores tiveram uma formação para que pudessem fazer a coleta de dados de maneira coerente e coesa, para uniformidade na pesquisa, evitando, assim, possíveis desvios metodológicos.

A tabela 1 mostra o quantitativo das escolas e dos sujeitos participantes da investigação.

**Tabela 1 – Sujeitos da pesquisa**

	Quantidade			
	Escolas pesquisadas	Professores	Coordenadores pedagógicos	Responsáveis pela biblioteca
Marília	37	206	29	29
Presidente Prudente	31	314	31	26
Total	68	520	60	55

Fonte: Dos autores.

Várias informações a respeito das escolas de educação infantil, dos docentes e de sua metodologia, em relação à leitura e a livros infantis, foram coletadas. Neste artigo, especificamente, abordamos e analisamos as informações relativas à *composição do acervo das bibliotecas escolares*, apresentando dados quantitativos e qualitativos que levaram à compreensão das condições de leitura do texto literário em escolas de educação infantil, bem como ajudaram a mapear o uso ou não, nesses espaços, dos acervos financiados pelo PNBE, utilizando somente as respostas daqueles que são os responsáveis pela biblioteca escolar.

## 2 Creches e livros infantis: acervo, uso e desconhecimento

Na década de 1990, o governo federal, por meio de uma política pública de distribuição de livros literários que compõem acervos diversificados, investe diretamente em leitura e livros destinados a escolas públicas brasileiras. É somente em 2008, no entanto, que o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) inclui o segmento da educação infantil. Em 2014, por exemplo, foram selecionados 100 livros infantis para compor quatro acervos distintos: para as instituições de educação infantil que atendem creches, formaram-se dois acervos de 25 livros cada, e também dois acervos para as pré-escolas.

Nos dados a seguir, percebemos como 55 responsáveis pelas bibliotecas ou pelos espaços de leitura dessas creches e pré-escolas interagiram com esta investigação, respondendo sobre tais acervos, sobre o acesso ao livro e, por conseguinte, sobre o ensino da leitura para crianças de 0 a 3 anos. As respostas abertas que geraram as tabelas reproduzem fielmente o modo como foram redigidas pelos educadores.

**Tabela 2 – Aquisição de livros pelas escolas**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	45	81,8
Não	10	18,2
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores

Dos respondentes, 81% afirmam que a compra de livros para a biblioteca é realizada. A distribuição, efetivada por programas governamentais como o PNBE, auxilia na composição do acervo, tanto no que se refere à quantidade quanto à qualidade, todavia, não atende às necessidades específicas da escola, tampouco parece dialogar diretamente com planos de leitura inerentes ao seu projeto político-pedagógico.

**Tabela 3 – Critérios para a aquisição dos livros**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Em branco	12	21,8
Adequação	1	1,8
Dinheiro recebido do PNDE	1	1,8
Faixa etária	11	20,0
Idade da criança	1	1,8
Indicação dos professores	14	25,5
Indicação e necessidade dos professores	1	1,8
Interesse coletivo	1	1,8
Literatura infantil	1	1,8
Livros com figuras coloridas e de tamanho grande	1	1,8
Livros com gravuras, sem gravuras, com texto, sem texto, banho, pano	1	1,8
Livros com pouca escrita	1	1,8
Necessidade do acervo	1	1,8
Necessidade do momento	1	1,8
Qualidade	1	1,8
Salão do livro	1	1,8
Sempre que há verba	1	1,8
Verba da Secretaria	1	1,8
Verba da SEDUC	1	1,8
Verba especial destinada para esse fim	1	1,8
Verba FNDE	1	1,8
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores

Quando os responsáveis pelas bibliotecas escolares foram indagados sobre o *critério adotado para a compra de livros*, percebemos que os maiores índices recaem em indicação dos professores (20%) ou em faixa etária da criança (25,5%), seguidos de livros com pouca escrita (1,8%) ou, quando há verba (1,8%), a necessidade do momento (1,8%), dentre outras respostas, negando, ao que parece, os interesses dos leitores ou a qualidade estética da obra. Registra-se também um índice razoável de respostas em branco. Uma alternativa para a aquisição de livros mais significativos para as bibliotecas escolares seriam listas de livros premiados, autores e ilustradores

renomados, que têm produzido textos de qualidade literária que vão ao encontro das necessidades formativas e de desenvolvimento das crianças. Essa instância de legitimação pode, assim como a escola, sinalizar o que deve ser lido, uma vez que a leitura crítica é feita por profissionais que levam em consideração o modo como a obra é formada esteticamente, por capa, paratextos, cores, materiais utilizados e linguagem.

As afirmações também demonstram que, quando ocorre compra de livros, os *docentes participam indicando títulos* (85,5%), num índice bastante alto (tabela 4).

**Tabela 4 - Participação dos professores na sugestão de aquisição de livros**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	47	85,5
Não	2	3,6
Em branco	6	10,9
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

A tabela 4 elenca as respostas dos responsáveis pelas bibliotecas escolares e reitera a questão da falta do protagonismo do leitor em potencial na composição do acervo, já que outros agentes, como pais e especialistas, também poderiam estar mais presentes na sugestão de obras. Nessa tabela, as respostas em branco também sugerem a falta de conhecimento por parte daqueles que atendem as crianças na biblioteca sobre as aquisições dos livros; parece que esses profissionais não participam do processo de escolha e, posteriormente, da compra dos livros infantis. Nesse sentido, indaga-se sobre a função desse profissional, bem como sua relação com os professores e usuários do espaço de leitura – a biblioteca escolar.

Outros materiais como *revistas e jornais* também servem para ampliar o acervo das bibliotecas e torná-las um espaço de circulação de informações, proporcionando, com isso, diversas e diferentes leituras. Entretanto, a maioria das escolas não assina revistas (69,1%) e jornais (83,6%). Esses dados sugerem um ambiente de guarda de materiais duráveis, distanciando-se da concepção de difusão e de ampliação de informações e de conhecimentos.

**Tabela 5 - Assinatura de revistas pela escola**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	17	30,9
Não	38	69,1
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

**Tabela 6 - Assinatura de jornais pela escola**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	9	16,4
Não	46	83,6
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

Concordamos com Nóbrega (2002), ao assinalar que o acervo representa a ideia de lugar e de ação com os variados textos do mundo. Com isso, por meio do acervo, o homem seleciona e se relaciona com o que deve ficar na memória e com o que deve ser esquecido. Para tanto, a autora propõe a ambivalência de leituras, por meio da criação de espaços e da diversidade de linguagens, sugerindo a inserção de acervos pessoais e coletivos, como álbuns de fotografias e relatos; enfatizando a importância do trabalho com a oralidade e a escuta; indicando o brincar com a palavra, quando se possibilita a organização de festivais, de saraus; e motivando um espaço de criação, com atividades de pintura, de escrita e de interpretação. Nesse sentido, o espaço da biblioteca transforma-se e também medeia a formação de leitores. Pelos dados coletados, essa multiplicidade de bens culturais, mencionada por Nóbrega (2002), não está presente nos acervos das bibliotecas escolares, que se configuram, sobretudo, como lugar de guarda de livros.

**Tabela 7 - Títulos de revistas assinadas**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Em branco	39	70,9
Guia Prático da Educação Infantil	1	1,8
Nova Escola, Ciência Hoje	1	1,8
Nova Escola, Ciência Hoje, Carta Fundamental	1	1,8
Nova Escola, Pátio	2	3,6
Nova Escola, Pátio, Carta Fundamental	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Carta Fundamental, Ciência Hoje	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Ciência Hoje	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Ciência Hoje, Gestão	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Presença Pedagógica	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Presença Pedagógica, Carta Fundamental, Ciência Hoje	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Projetos Escolares	1	1,8
Pátio	1	1,8
Projetos escolares; creches 0 a 3 anos	1	1,8
Revista Escola	1	1,8
Revista Escola, Professor Sasá	1	1,8
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores

Dentre as assinaturas de revistas feitas pela escola, notamos ênfase em publicações pedagógicas como *Nova Escola*, *Pátio*, *Ciência Hoje* e *Presença Pedagógica*. Tais periódicos visam à ampliação de conhecimentos teóricos dos professores e à difusão de propostas práticas que podem ser utilizadas em sala de aula. Não foram citadas revistas de cunho mais informativo e jornalístico, como *Época*, *Isto é*, *Veja*, tampouco aquelas voltadas para a arte e a cultura, como *Bravo* e *Cult*. Na tabela 8, verificamos aquelas revistas que não fazem parte das assinadas pelas instituições escolares.

**Tabela 8 - Recebimento de revistas**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	31	56,4
Não	24	43,6
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

**Tabela 9 - Títulos de revistas recebidas**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Em branco	31	56,4
Ciências	1	1,8
Criança	1	1,8
Nova Escola	2	3,6
Nova Escola Criança	1	1,8
Nova Escola, Ciência Hoje das Crianças, Presença Pedagógica	1	1,8
Nova Escola, Nosso Amiguinho, Ciência Hoje, Presença Pedagógica	1	1,8
Nova Escola, Pátio	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Ciência Hoje	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Ciência Hoje das Crianças	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Ciência Hoje das Crianças, Carta Fundamental	2	3,6
Nova Escola, Pátio, Ciência Hoje das Crianças, Presença Pedagógica	3	5,5
Nova Escola, Pátio, Ciência Hoje, Meu Amiguinho, Educação, gibis	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Ciência Hoje, Presença Pedagógica, Carta Fundamental	1	1,8
Nova Escola, Pátio, Presença Pedagógica	2	3,6
Pátio Escola, Ciência Hoje, Nosso Amiguinho	1	1,8
Pátio, Nova Escola	2	3,6
Pátio, Nova Escola, Inclusão	1	1,8
Revista do Professor, Nova Escola	1	1,8
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

Além da assinatura, há também o *recebimento de revistas*, pois, muitas vezes, a própria Secretaria Municipal de Educação ou o governo federal, a partir de programas que evidenciam o envio de periódicos para as escolas, recebem outros títulos. Vale destacar que as escolas pesquisadas recebem as revistas *Ciência Hoje das Crianças* e *Nosso Amiguinho*, específicas para o público infantil, que trazem, além de informação, jogos, brincadeiras, quadrinhos e curiosidades. *Recreio* e *Mundo Estranho* também seriam interessantes para os alunos, pela diversidade de seu material e pela possibilidade

de uso em sala de aula, mas não figuram no acervo dessas escolas. Algumas revistas – como *Professor Sasá* e *Projetos escolares: creche* – são publicações que trazem atividades e que, muitas vezes, servem para decorar a sala de aula, mas não auxiliam na elaboração de projetos de educação ou em discussões de novas teorias para a educação infantil. Não permitem ao educador/leitor, portanto, romper com a dissociação entre “pensar” e “fazer” uma educação de qualidade.

Outro material que geralmente é assinado pelas secretarias municipais de educação para compor os acervos das bibliotecas escolares é o jornal. As tabelas a seguir evidenciam assinaturas, recebimento e títulos dos jornais impressos das escolas do Oeste Paulista que fizeram parte desta investigação.

**Tabela 10 - Títulos de jornais assinados**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Em branco	47	85,5
Amiguinho	1	1,8
Jornal da Manhã	3	5,5
O Imparcial	2	3,6
Regionais	2	3,6
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

**Tabela 11 - Recebimento de jornais**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	24	43,6
Não	31	56,4
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

**Tabela 12 - Títulos de jornais recebidos**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Em branco	37	67,3
Escola	1	1,8
Jornais locais	2	3,6
Jornal da Manhã	4	7,3
Jornal da Manhã, Jornal Diário	4	7,3
Jornal Diário	2	3,6
O Imparcial	2	3,6
Regionais	3	5,5
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

Diante do exposto, os *jornais*, por sua vez, pouco fazem parte da rotina escolar, pois as assinaturas e o recebimento são em pequeno número. Quando citados, referem-se àqueles de circulação regional, como *O Imparcial* (de Presidente Prudente) e *Jornal da Manhã* (de Marília), sendo inexistente a citação dos de grande circulação nacional. Sabemos que muitos dos jornais regionais não oferecem ao leitor possibilidades de formação crítica, uma vez que estão intimamente relacionados com as esferas de poder local, seja por dependência financeira das prefeituras municipais, seja por pertencerem à elite das famílias tradicionais.

Já no que diz respeito ao número de livros infantis que compõem os acervos das escolas, veja-se a evidência dada na tabela 13.

**Tabela 13 - Volume de obras infantis nas bibliotecas**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Até 100 obras	6	10,9
100 a 200 obras	6	10,9
200 a 400 obras	16	29,1
400 a 600 obras	9	16,4
600 a 1000 obras	11	20,0
Mais de 1000 obras	2	3,6
Em branco	5	9,1
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

Cerca de metade das escolas tem em sua biblioteca um *número* um pouco maior de *obras de Educação Infantil*, considerando as que assinalam de 200 a 400 livros (29,1%) e de 600 a 1000 (20%), sendo expressivo o número daquelas instituições que têm apenas 100 ou de 100 a 200 obras, totalizando 21,8%. Se pensarmos na quantidade de livros por criança ou por sala de aula, podemos dizer que é um número mínimo, que não consegue fazer com que o aluno e o educador possam fazer muitas escolhas. O número de crianças influi de maneira decisiva na determinação da quantidade de livros incorporada ao acervo da respectiva biblioteca escolar. A Associação Americana de Bibliotecas (Estados Unidos), por exemplo, fixa os seguintes padrões: escolas com 200 a 999 alunos, 6.000 a 10.000 livros; escolas com mais de 1.000 alunos, 10 livros por aluno. Isso significa, em outros termos, que o acervo deveria observar a proporção de, no mínimo, 10 livros por aluno matriculado. Sobre a aquisição desses livros, observem-se os dados da tabela 14.

**Tabela 14 - Aquisição de livros pela escola**

	Frequência	Percentual
Doações de terceiros	1	1,8
Programas governamentais	6	10,9
Doações de terceiros e programas governamentais	8	14,5
Compra direta e programas governamentais	19	34,5
As três alternativas	21	38,2
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

Os professores afirmam que os *livros são adquiridos* em menor frequência por doação de terceiros (1,8%), com maior ocorrência por compra direta (34,5%) ou por meio de programas governamentais (10,9%). Visto sob esse prisma, os acervos de obras infantis destinados à educação infantil e distribuídos pelo MEC não possuem livros suficientes para que, só com o PNBE, por exemplo, a escola possa prover as necessidades de leitura de seus alunos, uma vez que cada acervo tem 25 títulos. Além disso, considerando que são diversificados, não há no acervo uma quantidade de livros do mesmo título, impedindo, assim, um trabalho de sala de aula mais específico com determinada obra.

A escola recorre também a outras *formas para adquirir livros*, por meio da contribuição dos pais dos alunos (1,8%), de projetos específicos ou de feiras de livros. Um docente citou o PNBE, provavelmente porque não o tenha associado a um programa governamental de distribuição de livros.

**Tabela 15 - Outras maneiras de aquisição de livros pela escola**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Em branco	51	92,7
Contribuição dos pais	1	1,8
PNBE	1	1,8
Projeto Tauste	1	1,8
Salão do livro	1	1,8
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

Se, por um lado, os livros são adquiridos, seja pela escola, seja por programas como o PNBE, as preferências infantis, muitas vezes, distanciam-se das compras ou dos acervos públicos.

De acordo com os professores, os *livros mais lidos pelas crianças* da educação infantil são os clássicos contos de fadas. Entre os títulos citados, prevalecem *Chapeuzinho Vermelho*, *Os três porquinhos*, *Cinderela*, *O patinho feio* e *Branca de Neve*. Pelo questionário, uma das limitações do instrumento da pesquisa, infelizmente, é não sabermos quais as versões oferecidas pela biblioteca e quais as mais apreciadas pelos alunos; porém, nossa experiência com bibliotecas escolares nos permite afirmar que é comum o acesso e a leitura de edições bem simples, de baixa qualidade, cujo texto é construído por meio de supressões de trechos, com linguagem infantilizada, facilmente encontrada por baixos preços em feiras de livros e em bancas. Chama a nossa atenção também a alta frequência de respostas em branco, o que demonstra que os docentes não sabem o que é lido e manuseado pelas crianças.

Vale ressaltar que esse resultado não é isolado. Pesquisa anterior realizada por parte dos autores deste artigo, intitulada “Literatura na escola: espaços e contextos – a realidade brasileira e portuguesa”, já apontou, em 2007, que alunos de 1º ao 7º ano do ensino fundamental também tinham preferência pelos clássicos, seguidos de livros de ampla circulação na mídia, como *Harry Potter* e *best sellers* de Agatha Christie.

Tais dados revelam a falta de conhecimento sobre lançamentos de autores e de livros, bem como a inexistência de circulação dos livros que fazem parte do PNBE. Nesse sentido, percebemos que apenas a distribuição dos livros por parte de programas governamentais não é suficiente para fazer com que textos e autores emergentes passem a fazer parte do contexto escolar para a formação de leitores, como também já foi apontado por pesquisas como a apresentada na referência Brasil (2008), encomendada pelo MEC e referente ao PNBE. Veja-se parte de suas conclusões:

Registraram-se insistentes e renovadas sugestões de eventos de formação específica para a utilização adequada dos acervos do PNBE em uma política de estímulo à leitura e de formação de leitores. (BRASIL, 2008, p. 124).

Além disso, os dados revelam a ausência de ações de mediação de leitura por parte dos professores, que pouco ou nada indicam para ler, além de não realizarem ações de dinamização de biblioteca para ampliar as possibilidades de leitura das crianças. Assim, notamos que os alunos leem o mesmo gênero literário de forma semelhante ao longo da escolaridade, por iniciarem o processo na educação infantil lendo tais clássicos e permanecerem neles, ratificando o processo de escolarização da literatura. Nesse sentido, não há um compromisso da escola, na Educação Básica, por meio de seus professores, em estimular a leitura de livros mais densos, ou de capítulos. Percebemos que, mesmo no Ensino Fundamental II, os alunos procuram livros curtos e ilustrados. Poderíamos dizer também que a falta de um funcionário especializado em leitura nas bibliotecas escolares só sedimenta esse dado. Com Lopes (2010), reiteramos nossa discussão sobre os educadores de biblioteca, pois

Os leitores de uma biblioteca não podem se sentir tolhidos e perdidos nesse espaço de leitura. Por isso, conhecer a figura do bibliotecário, como profissional responsável pelo bom funcionamento da biblioteca e também pela formação de leitores, torna-se de fundamental importância. [...] o bibliotecário não pode ser visto apenas como um apêndice do ato de ler e tampouco um elemento que pode ser descartado do contexto escolar. Assim, a escolha da pessoa para exercer essa atividade de orientação para constituição de leitores deve primar pela competência de promover práticas que a função exige. (LOPES, 2010, p. 202).

Tais constatações são comprovadas ao solicitarmos a indicação dos autores mais conhecidos pelos professores e pelas crianças de 0 a 3 anos de idade. Andersen e Grimm são citados, mas, no mesmo grupo, estão: Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Sylvia Orthof, Eva Furnari, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes, cujas obras não são expostas como textos mais lidos e manuseados pela ou para as crianças, gerando incoerência nas informações fornecidas. O alto índice de respostas em branco (entre 30,9% e 49,1%, nos dois municípios pesquisados) é denotativo da dissociação entre autor e obra, ou ainda da não realização de um trabalho de leitura com as crianças dessa idade.

Soares (2003) enfatiza em suas pesquisas a escolarização inadequada da literatura, ao mostrar ações que falsificam e que deturpam o conceito de literatura, o que pode levar ao afastamento da leitura literária pelo leitor mirim. A repetição de textos e de autores é uma das formas inadequadas de se ter a literatura na escola, porque gera o desconhecimento das amplas variedade e diversidade culturais da atualidade, além de levar os alunos a criarem um conceito de literatura que se restringe a essa seleção.

Assim, compartilhamos dos ideais de Andrade (2005), ao salientar a importância de se dar à criança a oportunidade de ter contato com a diversidade de textos, devendo,

estes, serem apresentados nos seus portadores originais, para que a criança, desde pequenina, se familiarize com eles. Concordamos também com Arena (2009), ao defender que:

Na escola, os professores seriam os responsáveis pela ação de ensinar leitura [...] Ao apoiar-me nessa argumentação, poderia entender que professor ensina o ato de ler, isto é, o modo como o leitor em formação deve agir sobre o texto, para, nesse processo, criar leitura. Desta maneira, não seria possível ao professor ensinar a leitura, mas ensinar o aluno a ler, isto é, a realizar operações intelectuais de um leitor sênior, a fim de criar a sua própria leitura, nos limites de sua potencialidade, de sua relação com os diferentes gêneros e com os suportes textuais que possibilitam a formação crescente e permanente de modos de pensar, cada vez mais abstratos. (ARENA, 2009, p. 168).

Nosso instrumento de produção de dados indagou os respondentes sobre *o modo com que as crianças entram em contato com o livro de literatura infantil*. Por ser uma questão aberta, a escrita revelou que o contato com a literatura infantil se dá, prioritariamente, por meio da hora do conto, ou seja, por uma prática que, muitas vezes, não apresenta os livros e não proporciona tempo para que as crianças os peguem, manuseiem-nos, folheiem-nos ou até mesmo que façam empréstimo do livro para leitura.

Vale lembrar que o professor pode despertar o interesse dos alunos pelos livros ao fazer visitas a outras bibliotecas fora do ambiente escolar, pois a presença da criança, mesmo as pequeninas, na biblioteca, é fundamental para que possa ler, tocar e pesquisar. É na biblioteca que os alunos “viajam” para além dos assuntos tematizados, e que o docente pode observar os interesses e as curiosidades que surgem a partir da descoberta de outros livros. Pode-se iniciar, com isso, um novo projeto de leitura e de literatura, de trabalho e de pesquisa, partindo do estímulo e da curiosidade das crianças. Na biblioteca, descubrem o mundo da literatura, aprofundam temas, aprendem histórias.

De acordo com Fantinati (2004, p. 47), é preciso haver uma integração entre a biblioteca escolar e a sala de aula. Para tanto, “a biblioteca escolar tinha que ser, além de um centro de informação e conhecimento, um campo de aprendizagem, um centro de material impresso e um ambiente para a leitura.”. Por isso, é chamada de “medioteca”, a qual oferta aos estudantes “informações, experiências em distintas formas de pensar e viver, aprendizagem livre e autônoma, orientada pelo fazer e pela educação continuada ao longo da vida.” (FANTINATI, 2004, p. 47-48). Assim, sua função é promover a leitura, dialogar com as aulas curriculares, promover a convivência entre os alunos, compor-se como um meio para vivenciar exposições, enfim, configurar-se como um centro sociocultural.

Assim como nessa questão procuramos compreender de que modo as crianças de educação infantil entram em contato com o livro, na pergunta seguinte, buscamos saber do professor o *critério de seleção para a leitura*. Muitas respostas citaram as ilustrações como preceito, ou seja, é a partir das ilustrações dos livros que os professores os selecionam.

Nesse sentido, ao escolher uma história, é válido que se avalie a função que o discurso gráfico-visual apresenta, pois a contribuição da ilustração para a história e o impacto que ela terá sobre a criança leitora depende da função que se propõe a exercer. Não é sem razão a afirmação de Camargo (1999):

Muito mais do que apenas ornar ou elucidar o texto, a ilustração pode, assim, representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de enfatizar sua própria configuração, chamar atenção para o seu suporte ou para a linguagem visual. É importante ressaltar que raramente a imagem desempenha uma única função, mas, da mesma forma como ocorre com a linguagem verbal, as funções organizam-se hierarquicamente em relação a uma função dominante. (CAMARGO, 1999, p. 45).

Além desse, outros critérios de seleção apareceram. Juntamente com a ilustração vieram: interesse da criança, faixa etária, assunto ou enredo.

A pesquisa quis saber também sobre a *média de crianças que pedem emprestados livros por dia*. Muitas escolas não permitem a retirada de livros pelos alunos; outras, somente por meio das “sacolinhas de leitura”.

Dados revelados sobre a exposição da *principal motivação para a utilização do acervo* mostram o baixo índice percentual da sugestão de colegas ou familiares (9,1%), seguido por tema da obra (16,4%), conteúdo tematizado (47,3%) e interesse das crianças (32,7%), delimitados em índices medianos e continuado pelo mais indicado: recomendação do professor (52,7%). Nota-se, assim, que o professor tem função preponderante na escolha e na indicação dos livros, sendo grande influenciador na formação do leitor mirim e na mediação da leitura. Desconhecer as obras que compõem o acervo torna-se uma negligência, por não permitir o acesso a bens culturais que formarão essas crianças.

**Tabela 16 – Principal motivação para o uso do acervo (em porcentagem estimada): recomendação/ordem de professores**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	29	52,7
Não	26	47,3
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores

Os dados apontam que os professores são os principais responsáveis pela indicação e mediação da leitura; é importantíssimo que docentes conheçam bem os acervos das bibliotecas de suas escolas. Sem se conhecer bem esses acervos, não há como fazer recomendações mais adequadas. Entendemos como adequadas aquelas que tanto

apresentam títulos que estão no horizonte de expectativas dos leitores, aproximando-se de seu repertório de leitura, quanto aquelas que superam e que suplantam esse repertório, ampliando-o cada vez mais.

**Tabela 17 - Principal motivação para o uso do acervo (em porcentagem estimada): sugestão de colegas ou familiares**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	5	9,1
Não	50	90,9
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

Sabemos que a participação de familiares na indicação e no acompanhamento de leituras é muito importante (ver, por exemplo, pesquisas realizadas por Corrêa, 2004; Magalhães, 2014; Souza, 2009). No entanto, os dados coletados mostram que é tímida a participação de colegas ou de familiares nas indicações de leitura nesse campo específico. Cursos de formação continuada ou em serviço para os docentes que atuam nessas escolas poderiam preparar melhor esses sujeitos com dinâmicas capazes de trazerem as famílias para mais perto da formação dos leitores mirins.

**Tabela 18 - Principal motivação para o uso do acervo (em porcentagem estimada): curiosidade pessoal**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	18	32,7
Não	37	67,3
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

**Tabela 19 - Principal motivação para o uso do acervo (em porcentagem estimada): pelo tema da obra**

	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>
Sim	9	16,4
Não	46	83,6
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

A curiosidade pessoal e o tema aparecem em percentuais maiores na motivação para as escolhas de leitura e para o uso dos acervos. Sabemos que disposições sociais para a leitura são relevantes para a formação do leitor, conforme atestam pesquisas de Lahire (2004). Temáticas também são relevantes para as buscas de determinadas obras, haja vista, por exemplo, a grande procura que ocorre por certos livros, quando entram na moda, como as famosas séries de best-sellers.

**Tabela 20 - Principal motivação para o uso do acervo (em porcentagem estimada): pelo tipo de conteúdo/conceito que está sendo trabalhado na sala de aula**

	Frequência	Percentual
Sim	26	47,3
Não	29	52,7
Total	55	100,0

Fonte: Dos autores.

A tabela 20 evidencia o quanto as leituras realizadas estão ligadas aos conteúdos trabalhados em sala de aula, demonstrando que essas as leituras são mesmo marcadas por certo utilitarismo, certa pedagogização: lê-se muito mais sobre aquilo que se está tratando na escola. Parece não haver uma preocupação com a ampliação dos horizontes desses leitores em formação.

Por fim, procuramos ainda saber dos responsáveis pelas bibliotecas escolares sobre a representação de biblioteca e de literatura infantil que esses tinham. As respostas dadas enfatizam o ideal discursivo: o ambiente da biblioteca escolar é “importantíssimo espaço para o pleno desenvolvimento de nossas crianças”, e a literatura “é de suma importância para o desenvolvimento do nosso trabalho e tendo uma biblioteca apropriada e equipada seria muito melhor”. Os depoimentos também ressaltam a importância do livro infantil, mas denunciam a falta do espaço apropriado para a leitura. No entanto, são respostas vagas, pois revelam um discurso já escolarizado, como “é importantíssimo”, “de suma importância”, sem esclarecer o porquê ou o que realmente pensam esses sujeitos acerca das condições e das funções da leitura, do livro infantil e do espaço da biblioteca escolar nas instituições de educação infantil. Percebe-se, portanto, a necessidade de novas pesquisas, com instrumentos mais específicos, tais como entrevistas semiestruturadas e observação de bibliotecas.

### **3 Mãos à obra: usando o acervo, mediando a leitura**

Sintetizando, podemos dizer que, embora bons livros façam parte dos acervos do PNBE para crianças de creche e de pré-escolas, eles não são conhecidos e utilizados na maioria das 68 instituições do Oeste Paulista pesquisadas. Tanto a biblioteca quanto

as ações para ofertar os livros aos pequenos leitores não são assumidas como espaços ou atos para socialização. Além disso, às crianças, não são ofertados momentos de protagonismo infantil, pois sempre é o docente quem escolhe o livro e quem lê a história, geralmente em voz alta.

Nesse sentido, seria interessante a reorganização do espaço de guarda dos livros, pois, muitas vezes, os acervos são colocados em estantes altas, difíceis de serem manuseados. Segundo Gregory (2008), uma das coisas mais difíceis de se descobrir é como classificar todos os livros infantis da biblioteca escolar. O responsável tem uma gama de maneiras que deve ser pensada considerando as crianças, nesse caso, as da educação infantil. Assim, decidir entre organizar por gêneros, temas, autores e/ou níveis de leitura pode ser uma boa opção.

Se a decisão recair sobre assunto ou gênero, o responsável pode escolher cores e organizar os livros com pequenas etiquetas coloridas. Por exemplo: poesia, amarelo; conto de fada, vermelho; histórias curtas, verde; e assim por diante. Essa maneira de organização é rápida e eficiente, e facilita a escolha das crianças.

Com essa disposição, também os professores terão facilidade, pois muitos desconhecem os acervos e, algumas vezes, não se reconhecem como mediadores no trabalho de formação de leitores e não pensam a biblioteca escolar como espaço para aproximar os livros das crianças. Assim, as atividades para fomentar esse leitor também devem ser repensadas, não se resumindo apenas em momentos de contação de histórias, sem que as crianças manuseiem o objeto cultural – livro.

Nesse sentido, para superar tal situação, defendemos o ponto de vista de Silva (1993), ao explicar que a preocupação com o planejamento de bibliotecas escolares surge quando professores e sociedade, em geral, tomam consciência das suas precárias condições de trabalho e buscam soluções para interromper o processo de alienação. A implementação de uma biblioteca de qualidade na escola vai exigir esforços e ações que são resultado de uma opção política, bem como uma tentativa de melhorar a qualidade de ensino e de tirar as crianças da situação de privações. O autor, nessas reflexões, orienta os educadores a buscarem melhores condições de ensino por meio da organização da biblioteca escolar; aponta a necessidade de militância a favor da formação de leitores, da paixão pela mudança, da luta contra as forças retrógradas e de uma opção política demarcada, uma vez que “A biblioteca escolar é uma das formas que a escola e a comunidade dispõem para impor a sua marca na cultura e na história” (SILVA, 1993, p. 145).

## Referências

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. Biblioteca e educação infantil. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et. al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 55-60.

- Aracy Alves Martins (Org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 17-48. (Linguagem e Educação).
- ARENA, Dagoberto Buim. Leitura no espaço da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 157-185.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras**. Elaboração Andrea Berenblum e Jane Paiva. Brasília: MEC, 2008.
- CAMARGO, Luís. **A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil**. Suécia, 1999. Disponível em:  
<<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2014.
- CORRÊA, Hércules Toledo. Letramento literário: de leitores a escritores. **Revista Estudos**, Belo Horizonte, v. 2, n.2, p. 25-42, 2004.
- FANTINATI, Carlos Erivany. Por uma biblioteca escolar. In: PEREIRA, Rony Farto; BENITES, Sonia Aparecida Lopes (Orgs.). **À roda da leitura: língua e literatura no jornal Proleitura**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004. p. 46-49.
- GREGORY, Mandy. **“Planning and Organizing” from Creating a Classroom Library**. 2008. Disponível em: <from [http://www.mandygregory.com/classroom\\_library1.htm](http://www.mandygregory.com/classroom_library1.htm)>. Acesso em: 23 nov. 2014.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 2004.
- LOPES, Leonardo Montes. As dimensões da leitura a partir da biblioteca e do bibliotecário. **Revista Percursos** (Online), Maringá, v. 2, p. 197-207, 2010.
- MAGALHÃES, Rosângela Márcia. **Alfabetizar letrando: mudanças (im)previsíveis no Ensino Fundamental de nove anos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro preto, Mariana, MG, 2014.
- NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. In: YUNES, Eliana (Org.). **Pensar a leitura: complexidade**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 120-135. (Teologia e ciências humanas; 5).
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: AGUIAR, V. T. de; ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 133-146. (Novas Perspectivas, 1).
- SOUZA, Renata Junqueira (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

Recebido em 08/08/2016  
Aprovado em 18/11/2016